

## Maternagem e Trabalho em Aline Paim: a espada e a rosa de Catarina

*Maternaje y Trabajo en Aline Paim: la espada y la rosa de Catarina*

*Mothering and Work in Aline Paim: the sword and the rose of Catarina*

Margarete Edul Prado de Souza Lopes

**Resumo:** nesse artigo, o objetivo principal consistiu em realizar uma leitura, pelo viés dos estudos de gênero, da personagem Catarina, do primeiro volume da Trilogia de Catarina, o romance O sino e a rosa, da escritora sergipana Alina Paim, publicado em 1965, para refletir a importância da maternagem e maternação na vida das mulheres simbolizadas pela protagonista Catarina. Como viés teórico, os termos maternagem e maternação foram adotados do livro de Nancy Chodorow, bem como dois artigos de Elódia Xavier. No resultado, constatou-se que a maternagem continua parte inerente da vida das mulheres mesmo com a solidificação do feminismo nas sociedades ocidentais.

**Palavras-chave:** maternagem, gênero, mulheres, feminismo.

**Resumen:** el objetivo principal de este artículo es hacer una lectura respecto al sesgo de los estudios de género, del personaje Catarina, del primer volumen de la Trilogía de Catarina, la novela “O sino e a rosa”, de la escritora de Sergipe, Alice Paim, publicada en 1965, para reflexionar sobre la importancia del maternaje y de la maternidad en la vida de las mujeres simbolizadas por la protagonista Catarina. En sentido teórico, los términos maternaje y maternidad han sido adoptados del libro de Nancy Chodorow, así como de dos artículos de Elódia Xavier. En el resultado, se constató que el maternaje sigue siendo parte inherente de la vida de las mujeres aunque haya habido la solidificación del feminismo en las sociedades occidentales.

**Palabras clave:** maternaje, género, mujeres, feminismo.

**Abstract:** the paper brings an analysis of Catarina, a female character of the novel entitled “O Sino e a Rosa” (The Bell and the Rose) which was published in 1965 and is the first volume of the trilogy entitled “A Trilogia de Catarina” (The Trilogy of Catarina), by Alina Paim, a novelist from Sergipe, Northeastern Brazil. The objective of the analysis was to reflect on the importance of mothering in the lives of women whom Catarina symbolizes. The term mothering was borrowed from Nancy Chodorow and from two papers by Elódia Xavier. The analysis concludes that mothering remains to be an inherent part of women’s lives despite the fact that feminism is well-established in western societies.

**Keywords:** mothering, gender, women, feminism.

---

---

Margarete Edul Prado de Souza Lopes é Professora Associada/UFAC e Coordenadora do NEGA –Núcleo de Estudos de Gênero na Amazônia. [negaufac@yahoo.com.br](mailto:negaufac@yahoo.com.br)

---

---

Após mais de vinte anos da consolidação dos estudos sobre “mulher e literatura” como objeto legítimo de pesquisa das universidades brasileiras, ganhei de presente uma brochura do primeiro romance da trilogia de Catarina e um convite para escrever sobre a obra de Alina Paim, escritora sergipana, desconhecida ainda do grande público e que nos legou narrativas primorosas sobre mulheres fortes, de ação, de espírito inabalável, inteligentes, de opinião própria, cheias de dignidade. Da escritora Alina Paim nos informa seu biógrafo:

Silenciosa, talentosa e paciente, essa romancista sergipana, deficiente visual aos 87 anos, construiu seu mundo sem pressa, jamais se desligou do interesse humano, do sentido político e social de suas histórias e de seus personagens. Apesar das opiniões favoráveis que mereceram a sua obra da crítica nacional e internacional, colocando-a na altura das melhores romancistas da sua geração, seu nome está injustamente excluído dos compêndios literários brasileiros. (GIL FRANCISCO, 2006)

Se for verdade que os primeiros romances de Alina Paim abordam uma temática mais polêmica, denunciando o poder dos fortes sobre os fracos; descrevem, também, o amor como forma de realização e destruição do ser humano; a exploração do homem como força de trabalho, que caracteriza a sociedade brasileira. Enquanto que vamos encontrar, nos romances escritos em sua maturidade, narrativas que privilegiam a construção de personagens femininas vivendo conflitos interiores, retratando seu mundo íntimo, seus pensamentos, bem como uma intensa necessidade de entender o mundo onde vive e qual o seu lugar nele.

Luiza Lobo observa de forma pertinente como foi sendo construída a formação das escritoras brasileiras, cujas obras majoritariamente retratam a casa e vida em família, aspecto que não tinha como ser diferente, para décadas depois, as mesmas autoras sinalizarem com romances mais intimistas e de cunho psicológico:

Há realmente uma grande incidência de temas domésticos e uma perspectiva intimista e psicologizante na literatura de autoria feminina brasileira, mas ela corresponde à fase em que a mulher praticamente vivia

restrita ao lar. Ao se alterarem os horizontes e perspectivas, novos temas e fórmulas de abordagem ocupam a escrita (LOBO, 2006, p. 17)

Nesta classificação, encaixa-se o livro *O sino e a rosa*, objeto de estudo de nosso artigo, o primeiro volume da Trilogia de Catarina, agraciado, em 1965, mesmo ano de sua publicação, pelo prêmio Especial Walmap, ano do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, como se pode ler na contracapa do próprio romance, publicado pela Editora Lido, da Coleção Imago, compreendendo ainda mais dois volumes: *A chave do mundo* (1965) e *o Círculo* (1965).

*O Sino e a rosa* contém a história de Catarina, mãe angustiada que vela durante a noite uma filha bebê que arde em febre, enquanto o pai e a babá estão dormindo: “Dorme o marido, dorme Emília. Que diferença lhes faz ao sono que verde seja a noite? A fadiga vergou a vontade, poliu o medo, são pedras maduras em leitos maduros” (*O sino e a rosa*, p.11). A narrativa inteira transcorre com Catarina sentada no topo da escadaria da casa, ao lado da porta do quarto da filha doente e febril, a qual ela observa no berço de hora em hora, enquanto, na memória, vai repassando sua infância e sua vida a limpo, incluindo reflexões sobre seu casamento, em que ponto se encontra suas relações afetivas com o marido. Da trilogia, Alina Paim comenta:

“Catarina tem uma constante: a busca do sentido da vida, a compreensão de si mesma e do que lhe acontece para melhor se integrar na vida e no convívio de seus semelhantes. Os três romances de Catarina deslizam no espaço de uma noite e de vigília. É um trabalho com muitos planos de tempo. Ao amanhecer, após longa análise, a Catarina que encara o sol é bem mais amadurecida que a Catarina que se encolheu no topo da escada, no princípio da noite. Foram violados, com certa audácia, os seus compartimentos selados” (GIL FRANCISCO, 2006).

O primeiro volume da trilogia retrata uma parte da vigília de Catarina, vigiando o sono de Augusta, por causa da enfermidade da filha. A criança teria sido levada dias antes ao consultório médico, de ambulância, devido a uma febre altíssima. O médico afiança não ser nada de grave, apenas

garganta inflamada e receita um antibiótico. Ele assegura para a mãe angustiada que no terceiro dia vai estar tudo bem e perfeitamente normal com a menina. A narrativa se inicia com Catarina esperando o amanhecer desta terceira noite; enquanto vai esperando, dando goles de água à filha, medindo a febre de hora em hora, vai relembando os episódios de sua vida. A primeira lembrança é em relação à Augusta, sua filha, uma analepse referente há dois anos antes do momento presente da narrativa. A analepse consiste em evocar fatos passados, dando uma pausa na ação do presente. A ação retrocede a momentos anteriores e recupera para a(o) leitor(a) episódios que ajudam a complementar os fatos no momento atual apresentando ao leitor(a).

Catarina se recorda do tempo quando conseguiu engravidar, depois de vários tratamentos e tentativas infrutíferas, após nove anos de casada. O marido ansiava loucamente pela paternidade e ela quando lhe conta da gravidez, pede segredo, pois poderia fracassar novamente. Henrique, contudo, roda a cidade espalhando a notícia. Ele confessa para Catarina: “Sim, bati a praça como um prestamista. Procurei, de um em um, todos os amigos”. Ela ouve o esposo e teme a piedade dos amigos: “Se fosse mentira ia ter coragem de ultrapassar os dias da piedade? Suportaria o constrangimento de todos os que lhe telefonaram de sílabas cantantes, parabéns chovendo de mistura com mil e um conselhos?” (O sino e a rosa, p.20). O marido se justifica de seu ato:

Foi a coisa mais bela que já disse em minha vida. Catarina vai ter criança. Catarina vai ter criança. (...) Compreendeu quanto o marido quis filhos, naqueles nove anos em que o casamento deles se tornava subterrâneo, os dois perdidos na sombra, as mãos desgarradas esquecidas do contato das mãos do companheiro. (O sino e a rosa, p.20).

O resultado é que a novidade da gravidez reaproximou os cônjuges que sentiam a relação estremecida: “Desenvolvia-se a criança e o casamento ia recebendo seiva, como se a ternura o rejuvenescesse. Para trás foi ficando o deserto, aquela sociedade de estranhos que se tocam, se cumprimentam (...) sufocados na atmosfera rarefeita” (O sino e a rosa, p.21).

A segunda lembrança, durante a noite fatídica, remete Catarina ao momento em que contratou a babá Emília. A filha Augusta, que não gostava de estranhos, deixa-se cativar de imediato pela mulher simples e reservada que é a nova babá. Mais do que o estilo discreto e silencioso de ser de Emília, foi seu jeito carinhoso com Augusta o que cativou Catarina, e ambas cuidavam juntas da menina. Assim, momentos angustiantes da ação presente vão se alternando com novos flash-backs do passado de Catarina.

Por fim, Catarina, na longa vigília, rememora os tempos da infância, quando tinha 12 anos, e começou a estudar no Educandário, graças a uma tal senhora Jordão que lhe fez a caridade de lhe pagar os estudos. A menina era órfã, foi abandonada na roda de um orfanato e criada por freiras. Duas dessas freiras marcam consideravelmente sua vida, a irmã Júlia e irmã Teresa. A primeira religiosa foi quem a recolheu da roda e se tornou de imediato sua protetora. Assim, quando chegou o momento certo, a piedosa madre trata de arranjar uma madame da sociedade que financiasse os estudos da menina Catarina. A outra religiosa, irmã Teresa, é sua professora no Educandário, e vai despertar na menina a veia de escritora:

Duas mulheres semearam ternura naqueles tempos. Diversos foram os resultados do carinho. Uma procurava amortecer-lhe os sentimentos, empurrando-a para a humildade. Outra, espicaçando-a sem tréguas, gritava-lhe o valor de um caráter, que todo fardo tem de ser levado de cabeça erguida. Amou com devoção as duas mulheres, aquela que a recebia todas as manhãs e a outra que a esperava à noite, uma de cada lado do portão. Educandário e Orfanato. Irmã Júlia e Madre Tereza, luzes contraditórias que procuravam identificar a verdadeira saída da planície. Lonjura que se desdobrava diante de seus olhos adolescentes, interminável, entrecruzada de caminhos. (O sino e a rosa, p. 30).

Assim, Catarina cresceu e foi educada dividida entre dois mundos, que residiam lado a lado: orfanato e educandário. A menina fez jus à educação recebida através da caridade de Madame Jordão, pois era excelente aluna, tinha amor pela leitura, tirava as melhores notas, “abriu a

lista dos resultados finais com o máximo de distinções – p.31”; e escrevia muito bem: “O prazer do estudo se entranhara nela, com o domínio inteiro de uma primeira paixão”, (p.31). No entanto, sua trajetória estudantil é atravessada por alguns obstáculos dolorosos como o episódio do sino, a vida de menina pobre e órfã estudando com meninas ricas, o complexo de não ter família, o vazio de nunca saber quem são seus pais e ter que crescer sem referências maternas, contudo sem nunca perder a esperança de um dia encontrar sua progenitora, mesmo depois de adulta e casada.

Feito o resumo da narrativa, passamos a um estudo mais profundo da personagem Catarina, retomando o texto agora sob o viés das Ciências Sociais, trabalhando com a noção de Gênero como uma construção cultural. Temos a proposta de estudar a importância da maternação na vida de Catarina, ou seja, o objetivo de desvelar as estratégias empregadas pela autora na construção das relações familiares. Elódia Xavier, ao estudar várias autoras contemporâneas, chama-nos a atenção para a frequência com que o tema da família comparece nos textos de autoria feminina em razão de ter sido o lar o lugar por excelência da atuação das mulheres na Modernidade e na primeira metade do século XX:

Basta a leitura de vários textos de autoria feminina para se perceber a recorrência do tema da família. Voltadas, sobretudo, para o espaço doméstico, privado, as mulheres, ao construir seu universo ficcional, priorizam as relações familiares, “os laços de família, citando Clarice Lispector. Esses laços, protetores e constritivos, são freqüentemente, elementos estruturantes dos conflitos narrados. A família é, portanto, um tema que se impõe àqueles (as) que se interessam pela problemática feminina, seja ela abordada pelos mais diferentes campos do saber. A família como lugar de adestramento para a adequação social é, muitas vezes, a responsável pelos conflitos narrados... (XAVIER, 2007, p.119).

A narrativa de Alina Paim em estudo se encaixa também na recorrência ao tema família, o que justifica olhar para Catarina levando em conta a questão da maternagem. Assim, vamos dividir este artigo em duas partes: a análise de Catarina menina, ditando todas as suas atitudes pela ausência de mãe, pela sua condição de órfã; e a Catarina casada e mãe, que

coloca tudo o mais em segundo plano em razão da maternagem. Deste modo, adotamos algumas idéias de Nancy Chodorow, autora que fez um estudo completo sobre a maternação das mulheres e, em particular, o modo como a maternação é reproduzida através das gerações. A maternação seria o ato de gerar e se dedicar ao criar os próprios filhos, fazendo isso com exclusividade, como fato central e único da vida das mulheres, como se nada mais existisse de importante.

Para Chodorow, apesar de algumas mudanças das relações de gênero e familiares nas últimas décadas, como a diminuição das taxas de casamento e fertilidade, bem como a crescente atuação da mulher no espaço público; as mulheres continuam maternando, porque ela sempre cuidaram de crianças, em geral como mães, em famílias e, às vezes, como trabalhadoras em centros de assistência à infância, como domésticas pagas ou como escravas. A maternação nas mulheres é um dos poucos elementos universais e duráveis da divisão sexual do trabalho por sexos:

As mulheres maternam. Em nossa sociedade, como na maioria das sociedades, as mulheres não apenas geram filhos. Elas também assumem a responsabilidade inicial pelo cuidado da criança, dedicam mais tempo a bebês e crianças do que os homens, e mantêm os primeiros laços emocionais com os bebês. Quando as mães biológicas não proporcionam os cuidados iniciais, outras mulheres, e não homens, virtualmente sempre assumem o seu lugar. Embora os pais e outros homens empreguem quantidades variáveis de tempo com bebês e filhos, o pai raramente é o primeiro responsável pela criança (CHODOROW, 1990, p.17).

Em razão da conexão aparentemente natural entre a capacidade da mulher em parir, amamentar, ser responsável pelo cuidado dos filhos e ao prolongado cuidado na infância de seres humanos, a maternação das mulheres tem sido admitida como evidente e natural. Tem mesmo sido admitida como algo inevitável por cientistas sociais, muitas feministas e, com certeza, pelos adversários do feminismo. Entretanto, Chodorow observa que nem sempre a maternação foi dominante na vida das mulheres. Antigamente, o lar era a principal unidade produtiva da sociedade. Os filhos

eram integrados no mundo adulto do trabalho desde cedo. As mulheres arcavam com a responsabilidade da criação dos filhos juntamente com uma ampla variedade de outros trabalhos produtivos. Com o advento do capitalismo, o lar e o local de trabalho, antes a mesma coisa, passam a ser lugares separados e estanques.

Essa mudança na organização da produção surgiu trazendo mudanças de longo alcance que produziram transformações da família e na vida das mulheres. Elas ficaram com seu papel diminuído na produção material, além do que a família tornou-se uma instituição especificamente relacional, a esfera pessoal da sociedade. A função das mulheres na família centrou-se no cuidado com os filhos e homens. Esse papel implicava mais que trabalho físico. Era relacional e pessoal e, tanto no caso dos filhos como dos homens, maternal. À medida que a maternagem das mulheres tornou-se menos interligada com suas outras tarefas indispensáveis, tornou-se também mais isolada e exclusiva. A família ocidental tem sido amplamente “nuclear”, por séculos, os lares raramente continham mais do que um casal com filhos. Mas as crianças eram criadas com ajuda de empregados, tias solteiras e avós. A industrialização capitalista, porém, afastou as tias solteiras, irmãos mais velhos, avós do lar burguês e reduziram o tempo dos homens na vida familiar. (CHODOROW, 1990, p.18-20).

Na segunda metade do século XX, as mulheres começaram a adentrar as universidades, a construir carreiras e a trabalhar fora, atuando no espaço público. No entanto, a participação feminina no trabalho remunerado não mudou as condições de maternagem. Quando as mulheres estão em casa, ainda têm responsabilidade quase total pelos filhos. Em 2014, as mulheres podem ter empregos, podem ter somente um ou dois filhos, e às vezes preferem não ter nenhum, mas permanecem responsáveis pela harmonia do lar e da família. Mesmo com a taxa de divórcio estando muito mais elevada, as pessoas continuam casando e tendo filhos bem mais tarde. Portanto, as mulheres continuam a maternar, e a maioria delas ainda confere suprema importância ao casamento e quer se casar.



Podemos observar, na grande maioria dos seriados americanos transmitidos na TV, entre 2008 e 2014, os conflitos vividos pela mulher que trabalha fora e a questão da maternagem. No seriado “Lipstick Jungle” (Selva do Batom, 2008), que retrata a vida de três amigas, duas casadas e uma estilista solteira, uma das 3 protagonistas é descrita como mau exemplo de mãe (representada pela atriz Brooke Shields), pois o trabalho de produtora de cinema lhe absorve todo o tempo. Ela nunca se ocupa da maternagem, e sim o marido desempregado, que se ressentido de não ter emprego e da indiferença dela com os rebentos. Em outros seriados, a protagonista de preferência é solteira, mulher sem par, para não ter estes problemas de ter que se ocupar de filhos e da casa, como a Olivia Benson, de “Lei e Ordem – Unidade de Vítimas Especiais”, foi sempre tão bem sucedida na profissão de policial, que depois de mais de 10 temporadas, se tornou a chefe da Delegacia. Outro exemplo temo na policial detetive que foi protagonista de “Cold Case”. A detetive Lisbeth, de “Cold Case”, de vez em quando aparecia dispensando alguns cuidados para uma mãe alcoólatra, enquanto o centro de sua vida sempre girou em torno de resolver casos antigos e arquivados de assassinatos cruéis, casos que tinha “esfriado”, cujos assassinos nunca foram encontrados.

Passemos a ver como se dá esta questão da maternagem na vida de Catarina. Ela é descrita como mãe muito dedicada, haja vista que está passando a noite acordada em vigília à filha doente, cuja febre não parece diminuir. Sua devoção é exclusiva, quando a babá ou o marido acodem durante a madrugada por causa de algum barulho ou choro da criança, Catarina ordena que voltem a dormir, recusando qualquer ajuda. Ela pensa ser sua obrigação principal maternar a filha e não dos outros dois personagens. Catarina nem questiona ter que ficar desperta a noite inteira, como se fosse um dever natural dela no papel de mãe.

Chodorow esclarece que a psicologia e a sociologia pós-freudiana ofereceram novos argumentos em favor da idealização e reforço do papel maternal das mulheres, na medida em que acentuaram a importância decisiva do relacionamento mãe-filho para o desenvolvimento das crianças

(1980, p.20). A autora assinala também que o papel emocional das mulheres na família e sua função maternal psicológica aumentaram precisamente quando seus papéis econômico e biológico diminuíram. Hoje, percebemos melhor a maternação das mulheres porque essa função deixou de estar misturada a uma série de outras atividades e relações humanas.

O romance *O sino e a rosa* retrata bem as duas faces de Catarina: a mulher escritora, enquanto profissional realizada e a mulher-mãe. Entretanto, como conquistar a maternidade lhe foi algo muito difícil e uma tarefa espinhosa, Catarina tentou por anos engravidar; quando a filha adocece de forma perigosa, somente existe para Catarina a sua função de mãe. Diante da filha enferma, a Catarina mãe se sobrepõe à Catarina escritora, que se anula por completo. Como bem percebe Chodorow, a maternação se destaca em sua intensidade emocional e no seu significado, bem como na sua centralidade para a vida e a definição social das mulheres.

A narrativa da vida de Catarina, habilmente alternando a história da menina muito estudiosa e ambiciosa em se tornar escritora, com a mãe extremosa de Augusta, velando o sono da filha febril, coloca em tela a discussão do grande conflito interno das mulheres que cumprem dupla jornada: ter uma carreira profissional, concomitantemente com o papel de mãe e, nesse jogo, estar diariamente tentando conciliar o trabalho fora de casa com o dever de maternar, do qual não podem ou não conseguem se furtar.

Alina Paim descreve em seu romance o impacto sofrido pelas mulheres das décadas finais do século XX, visto que as mulheres mesmo tendo uma carreira e trabalhando no espaço público, continuam a maternar e a maioria delas ainda se casa, como algo imprescindível na vida da mulher. As mulheres ainda sofrem discriminação na força de trabalho e continuam sofrendo desigualdades na família, como também a violência contra a mulher não está diminuindo no século XXI. Continuamos a viver numa sociedade machista, muito embora as bases legais da dominação masculina estejam ruindo (Chodorow, 1980, p.21).

Não podemos ignorar que Catarina almeja como escritora descobrir a imagem de sua mãe ausente. Ela deseja, ao publicar o primeiro livro, encontrar reconhecimento e notoriedade que pudessem fazer a mãe invisível, durante toda a existência de Catarina, surgir do nada para parabenizar a filha e mostrar sincero arrependimento por tê-la abandonado. A escrita, portanto, é um modo para resgatar a figura materna, reconstruir os laços com a mãe biológica, mas o sonho dourado da escritora gloriosa se apaga diante da filha doente. Augusta, a filha adorada, é a prioridade de Catarina e não a sua carreira de escritora.

Retira a mão da testa da criança e o calor permanece-lhe na pele. Os cabelos sobre a franha, secos e emaranhados. Vinte e quatro horas sem contato do pente. Quando ia Augusta deixar pentear-se sem gritaria e zanga e lágrimas? Cachos enroscados e secos. Falta-lhe coragem para impor mais um suplício, se de meia em meia hora cresce diante da menina, dragão armado de colher e xícara, obrigando-a a engolir drogas amargas, pegajosas, horríveis (*O sino e a rosa*, p. 14).

Chodorow afirma que a maternação das mulheres determina a posição principal das mulheres na esfera doméstica e cria a base para a diferenciação estrutural das esferas doméstica e pública. Cultural e politicamente a esfera pública domina a doméstica, e, portanto, os homens dominam a sociedade e as famílias (1980, p.25). Elódia Xavier, por sua vez, afirma que Catarina mesmo dedicada a maternagem permanece livre:

Entre o recurso ao termômetro e a administração do antitérmico, Catarina, escritora por vocação, revê toda sua vida, entremeando várias temporalidades, num processo labiríntico, sem perder o fio da meada. Da roda dos enjeitados à condição de esposa e mãe, o narrador enfatiza aqueles momentos onde a integridade da protagonista esteve ameaçada, prevalecendo sempre o corpo liberado (2009, p.71)

Chodorow considera ainda que os vínculos familiares do parentesco e a vida familiar continuam decisivos para as mulheres. Depois que a produção saiu da esfera doméstica, a reprodução tornou-se ainda mais definidora e limitadora das atividades diárias das mulheres e das

próprias mulheres (1980, p.29). Teóricas feministas cedo reconheceram a família como agente central da opressão das mulheres, bem como a principal instituição da vida das mulheres. Catarina menina enfrentava as freiras do Educandário e a Catarina adulta se vê totalmente tolhida aos cuidados exclusivos da filha doente, presa ao lar sem outra alternativa além de ser mãe e dona de casa.

Catarina foi valente e forte em menina, como no desafio que viveu ao confrontar a freira mentirosa do Educandário. Na ocasião, a pequena estudante é acusada por uma das freiras de ser mentirosa, sendo que ela foi castigada pela diretoria da escola, que a colocou em pé no pátio, o dia inteiro ao lado de um sino, quando ficasse cansada, bastaria tocá-lo, admitindo a culpa e seria libertada do castigo. Resistente à fome, dor e cansaço, Catarina não encosta no sino, ficando durante 40 horas no pátio escolar, uma vez que tocar o sino alardearia sua desistência e confissão de culpa. Por ser inocente, ela resiste por tantas horas, até que religiosa penalizada com o sofrimento da menina, admite que mentiu para incriminar Catarina. A experiência foi dolorosa, mas ao mesmo tempo a preparou para as dores da vida. Essa Catarina é a mesma que enfrenta o desafio de cuidar da filha doente.

Debaixo do sino começa a existir realmente, nessas horas cabem mais pensamentos e emoções que no escorregar dos dias, em tarefas rotineiras. Sofrer apura a vista? Não a vista dos olhos que veem o céu, os estefanotes da latada, as uvas maduras de Madre Superiora, os rostos de freiras e de alunas. Pensa em uma vista oculta, o enxergar da compreensão (*O sino e a rosa*, p. 111).

Convém lembrar que este trabalho se limita a analisar a Catarina do primeiro volume da trilogia, nos dois outros livros *A Chave do Mundo e O Círculo*, a história continua com a crianças sempre doente. Somente no terceiro volume, ao final, Henrique, marido de Catarina vem acordá-la, de manhã cedo, nas escadas ao pé do quarto da menina, e lhe conta que Augusta amanheceu cheia de pintinhas e está com sarampo. Portanto, os três volumes contam uma história cujo tempo é marcado por uma noite

na vida de Catarina velando o sono da filha enferma e rememorando toda a sua vida. No segundo volume, ela relembra os tempos de mocinha, o primeiro amor Daniel, foi abraçou a vida de padre, indo pro Seminário; também os tempos em que ela viveu entre o orfanato da freiras e a casa de Madame Jordão sofrendo assédio do marido da madame, por fim os tempo em que vai dividir apartamento com uma amiga.

O terceiro volume retrata Catarina rememorando os tempos em que conheceu seu marido Henrique, um dentista, o reencontro com o amor da mocidade, o Daniel e a decisão de ficar com o marido mesmo, que era um homem bom. A trilogia se encerra com o esposo lhe comunicando que a doença de Augusta é sarampo. O tempo da doença da filha é o espaço para uma profunda reflexão existencial de Catarina, rever seus passos e os rumos de sua vida e aquilo que realmente quer para si como o mais essencial na vida.

Poderíamos finalizar, sugerindo que os símbolos da história sinalizam que a Catarina mãe é como a rosa, aceita os espinhos, a dor, metáfora perfeita para maternagem, a rosa tem beleza e espinhos, idem o ser mãe. Enquanto a Catarina menina, que se tornou escritora, detentora da palavra, simboliza a espada, a luta aguerrida, o trabalho, a determinação em enfrentar tudo e todos. A rosa também se refere ao nome do conto que Catarina escreveu nos tempos do Educandário, em que já demonstrava ser excelente nas redações. O título do livro *O sino e a rosa* remetem aos dois polos opostos na vida de Catarina: ser mãe X ser escritora; o trabalho da maternagem X o trabalho do mundo; o sino sendo a saída fácil para as dores e as oposições na vida, enquanto a rosa é o grande prêmio, a recompensa, a parte boa. Como lhe diz a madre superiora, quando Catarina vai embora do orfanato com Madame Jordão:

Só é realmente nosso aquilo que possuímos quando estamos de mãos vazias. Nosso Patrimônio inalienável cabe dentro de nós: experiência, dignidade, fantasia, saber e sentimento. (...) Menina, talvez sejas mais rica do que Salomão. Tens uma rosa, uma espada e um sonho (*O sino e a rosa*, p.171).

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ana Leal. “Marcas do feminismo em Alina Paim”, in: CARDOSO, Ana Leal & GOMES, Carlos Magno (org.). *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007, p. 135 a 143.

CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Tradução de Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1990.

LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

PAIM, Alina. *A chave do mundo*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

\_\_\_\_\_. *O círculo*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

\_\_\_\_\_. *O sino e a rosa*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

SANTOS, Gil Francisco. “A romancista Alina Paim”. In: Edição Número 80. 01/04/2006. Disponível em <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=296&rv=Literatura> acessado em 15 de setembro de 2008.

XAVIER, Elódia. “A família pelo olhar da escritora brasileira”, in: CARDOSO, Ana Leal & GOMES, Carlos Magno (Orgs.). *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007, p.119 a 126.

XAVIER, Elódia. “A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim”, In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n°. 33. Brasília, janeiro-junho de 2009, pp. 71-80.